

EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DAS LENTES MUSICAIS

Autor: Yasmim Maria Dias dos Santos Inocêncio

Universidade Federal de Campina Grande- yasmimmdias.11@gmail.com

Resumo: Indiscutivelmente a música está presente no cotidiano das pessoas e independentemente de cor, crença, idade ou cultura, acessamos tal expressão cultural. Sabendo desse significativo lugar que a música ocupa em nossa sociedade, é possível refletir sobre sua presença nas práticas pedagógicas realizadas na educação infantil. O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada na disciplina de Estágio Supervisionado II do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, que, amparado na abordagem qualitativa e na pesquisa intervenção, buscou-se investigar o papel ocupado pela música em uma instituição de educação infantil da Cidade de Campina Grande diferenciando os termos música e musicalização. Além disso, resgatou-se a história da educação infantil, ampliando conhecimentos sobre seu surgimento e primeiras funções e como ela resinificou seu papel após a Constituição Federal de 1988. Foram vivenciados momentos de observação e de intervenção, possibilitando a constatação de que as atividades musicais permeavam quase todos os momentos na creche, divergindo de muitos estudos nessa área. Além disso, apresentamos propostas de trabalho com a temática e a importância da inserção do trabalho com instrumentos musicais nas atividades com a criança pequena.

Palavras-chave: música, musicalização e instrumentos.

1.0 Introdução

O presente artigo vem difundir os resultados da pesquisa realizada na disciplina de Estágio Supervisionado II do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. Como previsto no plano de curso da disciplina, realizou-se uma pesquisa intervenção objetivando uma análise crítica da prática pedagógica na Educação Infantil em creches e pré-escolas públicas.

A investigação ocorreu em uma creche localizada do lado Norte da cidade de Campina Grande - Paraíba que atende cerca de 100 crianças. Por ética, não será mencionado o nome da instituição onde realizamos o estágio. Bogdan e Biklen (1994) recomendam o sigilo quanto ao nome dos sujeitos participantes da pesquisa e das instituições. Segundo os autores, tal sigilo preserva a identidade dos sujeitos e a autonomia do pesquisador, que poderá relatar e analisar os acontecimentos sem constrangimento ou prejuízos. Neste sentido, comunicamos aos profissionais da instituição o sigilo em relação as suas identidades.

Nossa pesquisa intervenção teve como objetivo investigar o papel que a música ocupava na prática pedagógica das professoras de uma unidade de educação infantil. Para tanto analisamos a importância da música na educação infantil e buscamos compreender como as crianças interagem ao participarem de “momentos” musicais nas atividades diárias, além disso observamos a presença ou não de instrumentos musicais nas práticas pedagógicas das professoras na unidade de educação infantil.

Indiscutivelmente a música está presente no cotidiano das pessoas e independentemente de cor, crença, idade ou cultura, temos acesso a essa forma de expressão artística. “Embora sua linguagem seja diversificada, dependendo de onde venha essa expressão cultural, a música acompanha o desenvolvimento e as relações interpessoais em suas comunidades, bairros e cidades” (GODOI, 2011, p.7). Sabendo desse significativo lugar que a música ocupa em nossa sociedade, é possível refletir sobre sua presença nas práticas pedagógicas realizadas na educação infantil.

É certo que as crianças da Educação Infantil, por razões biológicas, são extremamente sensíveis e estão em fase de desenvolvimento cognitivo, motor, psicológico. Sendo a música arte presente nas relações sociais, acreditamos ser necessário a essa criança o acesso efetivo com tal expressão artística para que assim ela tenha as suas potencialidades desenvolvidas e seu repertório cultural seja explorado e ampliado desde muito cedo.

As Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil (DCNEI) preveem esse contato quando afirmam que a criança dessa faixa etária precisa explorar diversos tipos de linguagem, incluindo a musical. Segundo o documento, a educação infantil precisa favorecer “a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (BRASIL, 2009 p.4). Mas, pesquisas indicam que muitas unidades de educação infantil não estão conseguindo vivenciar a música como arte que estimula os diversos sentidos do corpo reduzindo-se apenas a instrumento pedagógico que muitas vezes passa a ser rotineiro e pouco significativo.

Segundo Godoi (2011, p.7) “a hora do lanche ou almoço” são exemplos de que “as crianças e professores fazem uso de canções repetitivas apenas para dizer que estão cantando, tornando esse momento mecânico e eliminando qualquer possibilidade de usar a música em uma proposta de socialização, desenvolvimento e aprendizagem. Neste sentido, o que pretendemos é discutir sobre a importância da música na educação infantil. Além disso, pretendemos contribuir para ampliação dos estudos nesta área tão significativa e que “são poucos, se comparados a outras áreas”. (SOLER, 2008, p. 16).

2.0 Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa intervenção com abordagem qualitativa. Segundo Salustiano (2006, p.33) “a decisão sobre qual matriz teórica empregar como fundamento do trabalho está intimamente relacionada com o problema e os objetivos da investigação”.

Salustiano (2006, p.37), afirma que a pesquisa intervenção pode conferir sentidos diferentes, “pode sugerir a ideia de uma abordagem intervencionista, autoritária”, mas

também pode significar uma abordagem mediada, auxiliada. A Pesquisa-Intervenção se desenvolveu no século passado entre as décadas de 60 e 70, a partir de desdobramentos e contribuições da Pesquisa-Ação e da Análise Institucional Francesa, com o objetivo de entender os diversos sentidos que estavam internos nas instituições (BARROS, 1994 apud SALUSTIANO 2006). Essa pesquisa, apesar das dificuldades de propagação, foi incorporada por estudiosos que acreditavam na necessidade de pesquisar não apenas para identificar “problemas”, mas também para propor soluções que possam saná-los ou provocar mudanças positivas.

A pesquisa intervenção vem propor ao pesquisador um lugar próximo aos pesquisados, pois ela vai sugerir e discutir as problemáticas como alguém que também está situado na realidade estudada, buscando transformá-la. No Brasil esse modelo de pesquisa intervenção, mesmo pouco difundido, já pode ser encontrado nas áreas da Educação e da Psicologia.

Para que pesquisas com esse aparato metodológico se realizem, faz-se necessário que pesquisadores e pesquisados tenham interesses compartilhados. O pesquisador precisa esclarecer seus objetivos e como gostaria que os pesquisados se envolvessem, lembrando que deve estar sempre aberto a possíveis mudanças e até a sugestões, pois, “como este tipo de pesquisa provoca mudanças intencionais na realidade investigada, as ações e papéis dos participantes sofrem constantes alterações”. Na pesquisa intervenção não existe “separação tão radical entre teoria e prática, entre produção de conhecimentos e sua aplicação” (Salustiano, 2006, p.40), e os envolvidos vão se apropriando desses conhecimentos produzidos e refeitos em coletividade. Além disso, a pesquisa intervenção crê que alguns problemas de pesquisa são melhor compreendidos quando estudados através de transformações intencionalmente introduzidas por quem as realiza.

A abordagem qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994) apresenta cinco características fundamentais. A primeira é a fonte de coleta dos dados, o ambiente natural, onde o pesquisador é considerado o principal instrumento de coleta de dados por ele observa, anota, filma, fotografa etc. Outra característica é que a investigação é descritiva, em outras palavras, os dados não são recolhidos em número e sim em palavras, atitudes, citações, conversas. Já a terceira característica citada é que o maior interesse do investigador qualitativo está no processo como um todo e não apenas no resultado. Como quarta característica, os autores destacam que a análise dos dados ocorre de forma indutiva. Ou seja, os dados não são recolhidos para afirmar ou negar um pressuposto do investigador e sim para construir as afirmativas à medida que a pesquisa vai se constituindo. Em último lugar destacasse a importância do significado, isto é, os investigadores se interessam pelo significado que as

peçoas dão aos acontecimentos respeitando as diversas perspectivas. Já a pesquisa intervenção é a pesquisa na qual o pesquisador será imerso na realidade estudada, com o objetivo de conhece-la de propor-lhe algumas mudanças.

3.0 Resultados e Discussão

Antes de iniciar a discussão sobre a necessidade de estreitar-se as relações entre música e educação infantil é importante resgatar a história desta que hoje compõe uma das etapas da educação básica brasileira.

Em âmbito mundial, podemos afirmar que o papel ocupado pela criança nas sociedades passa por enormes transformações. Antes vistas como adultos em potencial e ocupando papel pouco significativo, as crianças não recebiam atenção e carinho como em nossas sociedades atuais. Sua educação era destinada aos cuidados dos pais ou ao grupo social pertencente, aprendendo os costumes e as tradições dos mesmos. Ao passar do tempo, a infância e a criança ganham novos rumos.

Na Idade Média perpetuou-se a ideia de que as crianças até sete anos eram anjos que a qualquer momento voltariam para o céu, sendo a morte dessa faixa etária constante, especialmente por condições de vida insalubre. A crianças maiores de sete anos que sobreviviam eram iniciadas na vida adulta como se houvessem saltado de uma etapa da vida para outra. (Kuhlmann, 1998). Em meados do século XVII, com revolução industrial e a emergência do capitalismo, as mulheres deixam de tomar conta apenas do lar e passaram a participar das atividades lucrativas. Segundo Bujes (2001)

As creches e pré-escolas surgiram depois das escolas e seu aparecimento tem sido muito associado com o trabalho materno fora do lar, a partir da revolução industrial. Devemos lembrar, no entanto, que isto também esteve relacionado a uma nova estrutura familiar, a conjugal [...] possibilitando um cuidado que nem sempre estava centrado na figura materna. (BUJES, 2001, p. 65)

Além dos acontecimentos acima citados, as lutas e movimentos sociais que reivindicavam os espaços educativos para essas crianças e a crescente necessidade de mão de obra qualificadas nas fábricas e indústrias, também auxiliaram no surgimento das creches que, inicialmente, tinham um caráter assistencialista (BUJES, 2001). Isto limitava a creche as responsabilidades apenas do cuidar, em outras palavras, o espaço onde as crianças se encontravam, era concebido como um lugar “seguro” para deixá-las. Lá elas seriam alimentadas, banhadas e estariam protegidas de possíveis acidentes. Segundo a autora, essas creches serviriam também para “objetivos do tipo corretivo, disciplinar” para manter o *status quo*.

Esse caráter assistencialista vigorou no Brasil por longos anos e muitos acreditavam ser apenas esse o papel da educação infantil, entretanto, segundo Bujes (2001, p.64) “a educação da criança pequena envolve o educar e o cuidar”. O cuidar envolve as atividades de higiene, alimentação, sono etc. e o educar são as atividades de desenvolvimento motor e cognitivo, a participação no processo de apropriação cultural onde o indivíduo não apenas recebe a “cultura pronta”, mas aprende a questionar, se posicionar etc. A junção do educar e cuidar permite o desenvolvimento efetivo da criança, buscando respeitar seus limites e encorajar suas potencialidades, fantasias e imaginação. “Cada época tem sua maneira própria de considerar o que é ser criança” (Bujes, 2001, p. 64) e diversas mudanças ocorreram desde a visão da criança como o pequeno adulto, até o entendimento de que a mesma é ser social produtora de voz e de cultura.

Já entre os séculos XIX e XX, segundo Kuhlmann, 1998, começam a ser pensadas políticas sociais de saúde pública, direito da família e educação para essa criança. No Brasil, com a Constituição Federal de 1988, tivemos um avanço significativo no olhar das políticas públicas sobre essa etapa da educação básica, pois a mesma garante o apoio da união para seu financiamento. Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a educação ganha mais uma lei que efetiva sua importância e que garante sua oferta. Nos anos decorrentes, a mesma passa por várias edições e sua edição atual garante em seu artigo 4 inciso I, que a educação básica deve ser obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, e no inciso II assegura que a educação infantil fosse gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade. Vale salientar que o documento não garante a obrigatoriedade das crianças de 0 a 3 anos. Outro avanço significativo encontra-se registrado no artigo 29 da mesma lei, onde a educação infantil fica prevista como a primeira etapa da educação básica com a finalidade de desenvolver integralmente a criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Conhecendo um pouco a história e as políticas que efetivam a educação infantil buscaremos discutir a importante presença da música para essas crianças pequenas.

De maneira geral, a música no Brasil se formou a partir das misturas entre as músicas dos indígenas, dos colonizadores e dos escravos que aqui chegaram e se fixaram nas terras. “As primeiras manifestações, que recebem registros históricos, são as dos padres jesuítas, que naquele momento, queriam mais fiéis para sua igreja do que promover educação ou manifestações artísticas por meio de sua música” (GODOI, 2011, p.12). Segundo o mesmo autor, a partir de 1888, com o fim da escravidão brasileira, e com o surgimento dos trabalhos

em lavouras e nas plantações, chegam em nossas terras imigrantes de diversas regiões do mundo e com eles novos ritmos que acabaram sendo absorvidos e “misturados” em nosso meio cultural. Com relação ao ensino da música, é possível afirmar que até o século XX, ela ocorria de forma aleatória e sem pretensões pedagógicas. Apenas em 1854, por decreto real, foi regulamentado o ensino de música no Brasil, configurando-se com “instrumento” para controlar alunos.

Mas como a música contribui para o desenvolvimento da criança, e qual a importância da sua presença nas práticas pedagógicas?

Sabe-se que a educação infantil é a etapa da educação básica que pretende promover o desenvolvimento das diversas linguagens da criança, seus aspectos motores, psicológicos, afetivos. Entendendo o poder criador e emancipador que a música possui, é possível perceber a relação existente entre as temáticas. Para Ferreira (2002, p. 11) “a música apresenta uma importante fonte de estímulos, equilíbrios e felicidade para as crianças”, sendo assim, através do ouvir/sentir a música, a criança se apropria de conceitos, de elementos culturais, recebem estímulos para dançar e tudo isto irá possibilitar o desenvolvimento do corpo e dos sentidos. Além disso, a música trás para as crianças um significado de pertencimento, já que ela pode auxiliar nas relações intra e interpessoais e permite que os pequenos expressem seus sentimentos e desejos.

Segundo Soler (2008, p. 16) “a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana”. Dessa maneira, as crianças desenvolvem sensibilidades, percepções e imaginação, tanto ao criarem formas artísticas quanto ao apreciam as já existentes.

A música possui diversos elementos em sua composição, ela pode ser cantada à capela (apenas a voz), pode ser acompanhada de instrumentos de corda, de sopro, percussões etc. Todas essas maneiras de expressão musical possibilitam o desenvolvimento das crianças ajudando-as a compreender os ritmos, os tempos, os sons etc. Ao passo que a música está presente no desenvolvimento das crianças ela também possibilita ao professor perceber dificuldades ou problemas vivenciados por elas, isso porque, se a música é forma de expressão ela vai demonstrar nossos sentimentos, pensamentos e cotidianos.

Mas esses são apenas alguns motivos do porquê devemos deixar a música fluir entre os educandos e educadores. Para além desses, e se configurando como de extrema importância, está o ouvir e o sentir a música por prazer e desejo. Segundo Ferreira (2002) o apreciar da música pode promover o desenvolvimento da autoestima, autoconfiança, o

controlar suas emoções e tantas outras “habilidades” que os seres humanos, ao se inserirem em determinada cultura, precisam possuir. Além disso, “a música é importante para o desenvolvimento da inteligência e a interação social da criança e a harmonia pessoal, facilitando a integração e a inclusão” (CHIARELLI, 2005, p. 5).

Entendendo sobre a importância da música na educação infantil, buscamos diferenciar dois temas que por muito tempo foram entendidos como sendo a mesma coisa. Afinal, qual a diferença entre música e musicalização?

Mesmo possuindo diversas definições é possível afirmar de modo abrangente, que a música é a representação de ciência e de arte, pois, na medida em que as relações entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas, a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações. (CHIARELLI 2005). Em outras palavras, a música seria uma forma de expressão através do som e de maneira artística. Segundo Weigel (1988, p. 10) apud Chiarelli a música é composta basicamente por:

Som: são as vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com a mesma velocidade, como as do pêndulo do relógio.

Ritmo: é o efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos.

Melodia: é a sucessão rítmica e bem ordenada dos sons.

Harmonia: é a combinação simultânea, melódica e harmoniosa dos sons.

Já a musicalização está mais relacionada a atividades de descobrimento do gosto musical, o despertar da criatividade, o conhecimento da emissão de sons do corpo, da imaginação, das sensações (CHIARELLI 2005). Em outras palavras a musicalização é o processo pelo qual os seres humanos passam nas experiências como, ao escutarem músicas, sons do cotidiano e até mesmo sons do corpo vão construindo seu gosto musical e suas preferências estilísticas. Segundo a autora as atividades de musicalização possibilitam que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, permitindo também uma boa comunicação com o outro.

Segundo Skalki (2010), a musicalização é realizada através de atividades lúdicas visando desenvolver e aperfeiçoar a percepção auditiva da criança, sua imaginação, coordenação motora etc. Ser uma criança musicalizada seria justamente o reconhecimento e pertencimento à música, seria a interiorização da música e de suas peculiaridades.

Sendo assim, é possível afirmar que a musicalização está totalmente relacionada com a música, e não podem ser separadas. A música, como união de sons, ritmos, harmonia e a musicalização como a efetivação desses componentes, no sujeito, por meio da ludicidade e da prática pedagógica. Essa musicalização pode ser entendida como a sensibilidade para

despertar a música já existente nas crianças, podemos defini-la como a “pré-escola da música”, um conjunto de atividades que visam à sensibilização e a ampliação dos conhecimentos musicais da criança, de forma intuitiva, através de sua participação criadora.

Compreendendo as diferenças e relações entre música e musicalização buscamos discutir sobre o papel que essa música tem ocupado nas práticas cotidianas da educação infantil. Vale salientar que a discussão nesse projeto foi orientada por estudos realizados na área.

Os anos 1990 no Brasil, trazem significativa contribuição para a valorização do trabalho com as artes, sejam elas, a pintura, a dança, a música etc. Documentos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) tornaram efetiva a importância do uso dessas linguagens. Os professores graduados após essa época ou os que vivenciaram as formações continuadas iniciaram um processo de presenciar situações cotidianas que envolvessem essas práticas. Mas, muitos desses docentes acabaram transformando a música em rotina pouco significativa para as crianças. Godoi (2011) afirma que em sua pesquisa

As professoras cantavam músicas de maneira repetitiva, diariamente na hora da chegada dos alunos na escola, depois da oração e antes do lanche, também cantavam o hino nacional. Ao cantarem essas músicas repetitivas, ou o hino sem saber o que estão cantando, estão fazendo do ato de cantar um ato mecânico, que só serve para reproduzir a canção, mas não leva conhecimento algum a criança. (GODOI, 2011, p.18)

O cantar no horário do lanche, na recepção ou na higienização das crianças não é errado e é de extrema importância, mas precisa não ser essa prática enfadonha como relata o estudioso, para que a música não “perca” seu lugar artístico e envolvente. O autor também aponta que muitas vezes a criança tem sua imaginação tolhida, por acreditar-se ainda em uma perspectiva de música estática e com uma única interpretação, para ele

muitas vezes, ainda, vemos que a criança é impedida de usar sua criatividade, pois a elas são propostas músicas ou atividades já prontas, canções folclóricas já cantadas há décadas de maneira mecânica e em momentos específicos da rotina escolar, sem saber o significado e sentido daquilo do que está cantando, realizam apenas a memorização e gestos corporais estereotipados que deixam as crianças desinteressadas e poucos contribuem no seu desenvolvimento. (GODOI, 2011, p.20)

Como já discutimos, a presença da música na vida das pessoas é inevitável, e ela se faz presente no cotidiano das unidades de educação infantil. Nosso objetivo não foi desvalorizar o trabalho que já vem sendo realizado, mas buscamos ampliar as discussões e romper com a

visão utilitarista da música, passando a percebê-la como emoção, envolvimento, arte. É importante destacar que a música não deve ser “utilizada” para ensinar, mas à medida que se canta os ensinamentos das letras vão sendo absorvidos e as crianças vão a cada momento aprendendo coisas novas.

Nossa pesquisa intervenção se deu da seguinte forma:

Ficou acordado as quartas-feiras e quintas-feiras entre os dias 2 de maio de 2018 e 4 de julho de 2018 para a nossa ida à creche. O presente trabalho desenvolveu-se na sala de atividades do maternal II.

Uma de nossas buscas na creche foi observar qual lugar a música ocupava na prática pedagógica das professoras. Durante as semanas que vivenciamos as atividades da creche, foi perceptível a presença da música, tanto nas atividades mediadas quanto em momentos de aprendizagem livre. Presenciamos atividades com diversos estilos musicais e veiculadas de maneiras distintas. Além disso, diferente do que Godoi (2011) presenciou em sua pesquisa, onde a prática de muitas professoras estavam repletas de músicas repetitivas que já não traziam tanto significado, pudemos perceber a música de maneira ativa e atraente para as crianças. Pudemos observar dois momentos de extrema importância no trabalho realizado na creche.

O primeiro momento foi a atividade realizada por uma das professoras. Ela utilizou um aparelho de som e colocou uma música clássica para que as crianças dançassem, primeiro livremente e depois seguindo movimentos do ballet clássico. Atividade rica, que proporcionou às crianças ampliação de seu repertório cultural, as auxiliou no desenvolvimento da noção espacial e estimulou o conhecimento das crianças sobre seus próprios corpos. A segunda atividade, que foi repedida diversas vezes enquanto estávamos na creche, pois as crianças gostavam muito, era uma atividade de imitação. Nesta, a professora cantava uma canção e completava com algum gesto para as crianças repetirem, mais ou menos assim: “*e agora eu vou andar com as mãos pro céu, com as mãos pro chão*”, “*e a agora eu vou andar feito avião*” e assim realizavam diversos movimentos dando liberdade ao corpo, permitindo movimento e vida dentro da salinha de atividades.

Essas e outras atividade musicais foram realizadas na salinha enquanto estávamos na creche. Mas, nesse período, não foi possível constatar a presença de instrumentos musicais na creche. Assim, contemplado os objetivos dessa pesquisa e buscando contribuir na ampliação desses conhecimentos, foram planejadas duas intervenções

Segundo Albuquerque (?) “música em sala de aula atrai e envolve os alunos, motivando-os e acentuando a percepção” além disso, “estimula à memória, a inteligência, a

linguagem, desenvolvendo habilidades e procedimentos de autoconhecimento e de prazer” e a construção ou o contato com instrumentos amplia esses conhecimentos além de fortalecer as relações em grupo, sendo assim, as intervenções que em seguida serão discutidas buscaram envolver as crianças no conhecimento de materiais que podem se transformar em instrumentos e no contato com instrumentos industrializados.

A primeira intervenção ocorreu no dia 23 de maio. Organizamos uma atividade com o instrumento violão. A proposta foi que as crianças pudessem ter um contato físico com o instrumento, elas o manusearam, tocaram, comentaram sobre alguém de suas famílias que também possuíam o instrumento. Depois, tocamos diversas músicas e as mesmas aproveitaram os momentos. A segunda intervenção ocorreu no dia 4 de julho de 2018. Diferente da primeira, não vivenciamos momentos com um instrumento fabricado, mas com chocalhos que produzimos. A proposta inicial era que as próprias crianças pudessem construir os chocalhos, mas, pelo tempo disponível para intervenção, preferimos levar os instrumentos construídos para que elas tocassem as músicas. Os chocalhos foram construídos com palitos de churrasco envolvidos com linhas de crochê, capsulas de café expresso e grãos de arroz cru. As crianças tiveram contato com o arroz e depois com o instrumento. Foi possível notar o interesse das crianças pelo som e pela mudança dele nas diferentes formas de “tocar”.

As atividades com os instrumentos foram extremamente produtivas para todos os envolvidos (crianças, professoras e para nós, que éramos estagiárias naquele momento). Foi possível perceber o interesse das crianças pelos instrumentos, especialmente pelo chocalho. Todo material produzido permaneceu na creche para as crianças.

Na educação infantil, a música está interligada com a brincadeira e através dela as crianças atribuem sentido a si mesmas e ao mundo. Além disso é um elemento cultural que rodeia nossa sociedade e que certamente faz parte do cotidiano das crianças. Sendo assim, concordamos com Pacheco (2005) quando afirma que

a importância da formação musical para professores de educação infantil passa pela necessidade de que suas práticas musicais possam estar contribuindo para formação integral de alunos e alunas dessa etapa educativa (PACHECO, 2005, p. 13)

4.0 Conclusão

Consciente dessa importância, acreditamos ter contribuído na formação das crianças da creche estudada. As intervenções e momentos vivenciados na creche também nos propiciaram conhecimento e inserção, ainda que timidamente, em nosso campo de trabalho realizando assim a união da teoria e da prática, vivenciando uma práxis.

As atividades propostas para as crianças também nos levaram a perceber que o nosso planejamento nem sempre será cumprido, mas que ele é necessário para uma prática pedagógica séria e eficiente. Reconhecemos que alguns problemas ocorreram nos momentos de atuação, mas acreditamos em nosso crescimento profissional com eles e tentaremos não os repetir. De maneira geral as contribuições foram mútuas e esperamos ver os resultados em um futuro próximo.

Referências

BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 09 dez. 2017.

_____. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 09 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf>. Acesso em 25/08/2018.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação Infantil para que te quero?** Escola Infantil: para que te quero? Porto Alegre, 2001.

BOGDAN, Robert C. BIKLEN Sari Knopp. Investigação qualitativa. **Trabalho de Campo**. Porto Editora. 1994.

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti. **A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser**. Revista Recre@rte N°3 junho 2005: Instituto Catarinense de Pós-Graduação.

FERREIRA, Danielle. **A importância da música na educação infantil**. 2002. 38f. Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento- Diretoria de Projetos Especialistas. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2002.

GODOI, Luiz Rodrigo. **A importância da música na educação infantil**. 2011.36f. Trabalho de Conclusão de Curso-Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: a abordagem qualitativa**. São Paulo. EPU, 1986.

PACHECO, Eduardo Guedes. **Educação musical na educação infantil: uma investigação-ação na formação e na prática das professoras**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2005.

KUHLMANN, Moisés Junior. Infância e Educação Infantil uma abordagem histórica. **A proteção à infância e a “assistência científica”** Editora Mediação. Porto Alegre. 2007.

SKALSK, Tatiana Reichak. **A importância da música nos anos iniciais**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Sul. Porto Alegre, 2010.

SOLER, Karen Ildete Stahl. **A música na Educação Infantil: um estudo das EMEIS e EEIS da cidade de Indaiatuba – SP**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de pós-graduação em música. São Paulo, 2008. B

SALUSTIANO. Dorivaldo Alves. **Nas entrelinhas da notícia: jornal escolar como mediador do ensino-aprendizagem da língua materna**. Tese (doutorado)- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-graduação Brasileira, Fortaleza, 2006.